ANO 1.º — LISBOA—QUINTA-FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 1921 — N.º 192

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

UMA CARTA DE UM PORTUGUÊS

O nosso exercito e a politica racional

Quem ampara as nossas vidas e os nossos haveres?

A defesa nacional sacrificada aos ambiciosos---As tropas que se bateram na Flandres, não manteem a ordem publica em Portugal

A carta que a seguir publicamos é um documento de sinceridade — o seu autor pretende contrapor algumas reflexões á carta de um oficial que inserimos, no Diario de Lisboa, *de ante-ontem. Afigura-se-nos, porém, que a sua discordancia é mais aparente que real. O homem que fala em nome do país e o que fala em nome do exercito estão tão dentro da compreensão do momento que, se, de viva voz, tracassem entre si meia duzia de palavras, terminariam o seu curto debate num grande abraço de portugueses.*

Sr. director—Li com sumo interesse a carta que um oficial do exercito publicou no seu jornal de ontem, e, por mais que queira, não posso furtar-me á tentação de lhe fazer alguns inofensivos, mas oportunos comentarios. Diz o autor da referida carta que no ultimo movimento politico, o mais perigoso, pelas suas intenções e pelas suas consequencias, de todos os que se têm realizado em Portugal, não entrou o Exercito, cuja missão consiste em manter a ordem e não em a ofender, para a destruir.

E' possivel que a pessoa que assim vem desabafar em publico tenha razão. Mas parece-me que, em face de tal afirmativa, me assiste o direito de preguntar ao autor da referida carta onde estava o Exercito português que, em face do que se passou, não fez sentir a sua acção, para meter na ordem e chamar ao bom caminho aqueles que dele se transviaram, para satisfazerem as ambições e a vaidade de meia duzia de politicos, para darem ao mundo inteiro a impressão de que a disciplina desaparecera de todo da terra portuguesa e para, pondo ás soltas as feras que por aí se ocultam nas alfurjas, tornar possiveis crimes como aqueles que se praticaram na já agora celebre noite tragica.

O Exercito português não entrou no ultimo pronunciamento. Mas quem foi então que foi para a Rotunda dar tiros de polvora seca, quem derrubou o governo Granjo, quem impoz a sua força e quem passeou a sua vontade de Norte a Sul, nas pontas das espadas, senão os homens de farda, manejados, na sua quasi totalidade, pelos politicos de má morte, como se fossem creaturas sem vontade?

Viu-se, porventura, em Lisboa, erguer-se uma espada valorosa para fazer face á onda armada que tudo ameaçava subverter? Houve quem não entrasse nesse arremedo de revolução, quem não estivesse de acôrdo com a desordem que, durante uns poucos de dias, teve ameaçados os haveres e as vidas dos cidadãos que, não sendo politicos, nada têm com as teimas em que os politicos andam embrenhados ha tanto tempo? Veiu, porventura, para a rua o exercito que não entrou na desordem, para conter e subjugar os desordeiros e para lhes fazer ver que, acima da sua vontade ilegítima, havia a vontade do verdadeiro exercito, pago pela Nação para a defender de todos os inimigos internos e externos? Não consta.

Dirá o autor da carta a que me estou referindo que, se o exercito, que não fazia a desordem, não veiu para a rua fazer recolher a quarteis os insubordinados, foi porque ninguem lhe deu ordem para isso. Mas não tentou, porventura, o presidente do ministerio, contra quem o ataque era feito, resistir, procurar, entre a gente armada, alguem que lhe fôsse fiel, que lhe desse meios para manter o prestigio do poder? Creio que sim. E, todavia, a voz de Antonio Granjo perdeu-se no vacuo. Todos o tinham abandonado. Não houve ninguem que désse ordens ao exercito para reagir? Admitamos. Mas, pregunta-se: precisa alguem que veja um seu semelhante a afogar-se que lhe ordenem que o salve, se porventura puder salvá-lo?

O exercito não fez a revolução. Talvez. Mas impediu que ela se fizesse? Desembainhou a espada para salvar o prestigio da Nação, que sua lagrimas de sangue para arrancar á sua miseria os duzentos mil contos que a fôrça armada lhe custa em cada ano, sem contar as despesas militares do ministerio das Colonias? Se o fez, ninguem deu por isso. O que se sabe é que quem não veiu para a rua, com a boca cheia de vivas á Republica e o coração a trasbordar de odios contra todos os que não fôssem lá da grei, ficou pacatamente em casa, ou a ver em que paravam as modas ou, segundo a teoria do autor da carta que estou comentando, á espera de ordens para cumprir o seu dever. E, entretanto, que caissem varados á bala ou retalhados a chanfalho todos aqueles que a matilha odiava e que, sendo purissimas almas de republicanos, não mais bela morte não podiam ter do que a que lhes deram aqueles que andavam assassinando a Patria de nós todos.

Deve ser uma nobilissima alma a do oficial que fez erguer a sua voz em defesa do exército português. Simplesmente o exército que êle defendeu é um exército ideal, é um exército que não existe em Portugal. Porque se existisse, de há muito que teria feito sentir aos politicos que não serve para joguete nas suas mãos, ainda que para isso tivesse de inventar um homem forte e português de lei para lhe ordenar que salvasse a Nação, que a desviasse do abismo para onde a empurram todos aqueles que, para serem ministros durante meia hora ao menos, não duvidam apunhalar a Pátria em pleno coração.

Parece-me que chegou a hora de se dizerem as verdades. Tudo o que se usa de mais se gasta. E a mentira tem tido tanto uso em Portugal nestes últimos onze anos, que já não tem ponta por onde se lhe pegue.

Aí tem porque lhe escrevo, sr. director. Escuso de lhe dizer, nem ao autor da carta que me mereceu estas observações, a razão porque o País perde ás vezes a confiança no exército. Todas as condenações devem resultar de factos evidentes, sobretudo quando são condenações colectivas, dessas que vêem do sentimento geral e que se impõem como um anatema irremediável. E os factos, no caso sujeito, são tão categóricos que só outros factos tão fortes como êles e que destruam os que todo snós conhecemos, podem fazê-los desaparecer.

O oficial que escreveu ao *Diário de Lisboa* diz que falava em nome do exército. Pois, por minha vez, direi que falo em nome do País que paga duzentos mil contos por ano para ter uma fôrça armada que o não sabe defender dos inimigos internos, muito embora tivesse tido a coragem necessária para se bater contra os alemães, bem mais inofensivos do que aqueles que, nesta terra, não deixam que haja uma hora de sossego.

O seu jornal, sr. director, tem dado suficientes provas de imparcialidade, para que eu possa esperar ver também esta carta na letra redonda. Se v. abriu a sua porta a uma voz aflita que defendia apenas uma classe, por certo não a fechará a outra voz que se ergue em defesa de todo o País. Supô-lo, seria supôr uma verdadeira iniquidade, que v. não será capaz de praticar. O meu nome não deve importar-lhe para nada. Chamo-me *toda a gente* e represento todos os que não entram em conspiratas nem exercem neste país o rendoso oficio de desordeiros de profissão.—*F.*

Á HORA DO CHÁ

Na GARRETT

—Já reparaste que o Alfredo anda espartilhado?

—Por imposição da sogra. Quer que ele sinta, como joven, os mesmos horrores que ela sofre para o parecer . . .

Magazine

Os premios Nobel

Apesar das noticias vindas de Stockolmo, diremos que no seio da comissão encarregada de atribuir o premio Nobel predominava a opinião de que Anatole France e D'Annunzio não mereciam um premio de literatura, mas um premio de politica. Como quem dá a esta o logar principal nas suas obras, o grande premio foi atribuido ao escritor francês.

Os premios de quimica e fisica para 1921 ficaram reservados, o de quimica de 1920 foi atribuido ao professor Walter Nerost de Berlim.

Os intelectuais franceses e alemães já começaram a aproximar-se. A decisão da Academia Real das Sciencias Sueca vem mais uma vez provar que nos dominios da inteligencia não ha fronteiras.

O julgamento de Landru

O julgamento de Landru prossegue, atraindo as atenções do mundo inteiro. As palavras, os gestos, as expressões fisionomicas do Barba Azul de Gambais têm mais curiosos avidos de os conhecerem do que os mais graves problemas mundiais. E' o acontecimento da actualidade, um acontecimento equiparado aos maiores sucessos.

No emtanto, o julgamento prossegue bastante monotonamente. Emquanto não se der o milagre previsto nas cartas de Landru, estamos sujeitos a não saber senão que Landru é um homem metodico, que tinha os seus negocios e os seus papeis em ordem—tanto quanto um *escroc* pode ter ordem neles—que tem a memoria fraca e que se não julga no direito de tornar publicas as conversas e as circumstancias que rodearam as suas relações com as noivas desaparecidas, ainda que isto lhe custe a cabeça, pois são assuntos de ordem privada, em que a policia nada tem que ver.

Landru tem sido duma linha extraordinaria. No emtanto, os jornalistas, as testemunhas e o publico seguem atentamente a mais insignificante das suas expressões fisionomicas, para virem dizer ao publico que o homem de Gambais teve um estremecimento denunciador.

Como se não fosse de fazer estremecer até um recemnascido o facto de lhe atribuirem a morte de doze creaturas! Aquele que encontra nisso rasão para o acusar troque o logar e pense: 'Toda a humanidade está convencida de que eu matei doze mulheres! Junte a isto tres anos de prisão e veja depois se é capaz de se apresentar em publico com a decima parte da serenidade de Landru.

O que nele ha mais digno de admiração não é o facto de ter matado doze mulheres, é o de se apresentar com aquela linha depois de tamanhos feitos. Quer os tivesse praticado ou não, nós estamos á espera do milagre anunciado pelas cartas...

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia Luz Veloso
HOJE
A festejadissima e celebre peça de Nicodemi, em 3 actos,
Migalha
Ricos mobiliarios
Scenarios novos
Brilhante enscenação
Magnifico desempenho

FURUNCULOS
Diabetes, doenças da pele e dos intestinos
curam-se com fermento d'uvas
Formosinho
Farmacia Formosinho
Praça dos Restauradores, 18
LISBOA

DEFININDO UMA ATITUDE

AINDA O ULTIMO MOVIMENTO REVOLUCIONARIO

O medico da Armada, sr. dr. Mario Garcia da Silva, que esteve preso a bordo do "Vasco da Gama" por ter requerido o seu afastamento de serviço

explica ao "Diario de Lisboa" as causas que o levaram a tomar essa resolução

O sr. dr. Mario Garcia da Silva, medico da armada, que esteve preso durante oito dias a bordo do cruzador *Vasco da Gama*, em virtude de ter pedido o seu afastamento do serviço, por causa dos ultimos acontecimentos, fez hoje ao *Diario de Lisboa* interessantes declarações sobre a sua atitude.

—Procedi da maneira por que fui acusado—já o declarei no interrogatorio a que fui submetido—por estar na ocasião e estar ainda neste momento indignado com os morticinios perpetrados cobardemente no Arsenal de Marinha, na noite de 19 para 20 de Outubro, em que intervieram elementos de uma corporação a que pertencia.

—V. ex.ª não concordou com a revolução?

—Não compreendo bem que autoridade possam ter chefes revolucionarios que, num dado dia, fazem uma revolução, atropelando a Constituição do Estado, as leis e regulamentos militares, para nos dias seguintes exigirem, seja de quem fôr, o cumprimento de uma ordem, em nome das mesmas leis e regulamentos que desrespeitaram. Sendo eu oficial do *Vasco da Gama* soube, por exemplo, que um oficial tomou o comando do navio, sem que estivesse oficialmente nomeado.

—Acusaram-no...

—As faltas de que me acusam foram cometidas num periodo em que, segundo se depreende de toda a alocução pronunciada pelo Chefe do Estado na sua residencia, no dia 30 de Outubro, houve como que uma verdadeira interrupção constitucional, chegando aquele magistrado, referindo-se á nomeação do governo de então, feita sob pressão revolucionaria, a ter a certa altura a seguinte passagem: «tive de esquecer, por um momento, a Constituição».

«Sendo, segundo o autorizado, insuspeito, alto e decisivo testemunho do Chefe do Estado, nomeado aquele governo com esquecimento da Constituição, inconstitucional era, implicitamente, o mesmo governo e, por consequencia, o seu ministro da marinha. Mesmo que outros motivos não houvesse, bastaria esse para comprometer nas bases tudo o que se tentasse fazer naquele periodo com aspecto de legal e regulamentar.

—Porque pediu a sua demissão?

—Nas circunstancias que lhe apontei, eu, como aliás toda a gente, tinha o direito—mais do que o direito—o dever de não obedecer, pois que os militares só são obrigados a cumprir as ordens legitimas de legitimos superiores.

Falou-se da indisciplina da armada. Eis o que disse o sr. dr. Mario Garcia da Silva:

—Para a indisciplina existente naquela ocasião na Armada, é possivel que tenha contribuido o facto de, nesse periodo, ser ministro da Marinha, entidade que é chefe da corporação da Armada, o mesmo oficial que na noite de 19 para 20 de Outubro estava a dirigir o serviço no Arsenal, onde se cometeram os crimes conhecidos, o qual, sem que se soubesse e saiba ainda quem de facto os cometeu, para se responsabilizarem individualmente os autores, tem a responsabilidade geral, inerente á sua situação de oficial que dirigia o serviço naquele estabelecimento, na emergencia.

E, precizando o seu pensamento, o nosso entrevistado afirma:

—No que diz particularmente respeito á situação de quem estava no cruzador *Vasco da Gama*, a que eu pertencia, ha o facto de, naquele periodo, estar a comandar o navio um oficial que era chefe revolucionario e que, como tal, não tendo evidentemente responsabilidades directas nos crimes, tinha as de ter tornado possiveis esses crimes, desencadeando uma revolução em que vieram á superficie, sem freio, todos os baixos instintos dos maus elementos da corporação.

«Se tomei a atitude já conhecida, fazendo a declaração de que não compareceria ao serviço por não me prestar a trabalhar na corporação da armada, enquanto ela estivesse tão tristemente manchada e estivessem impunes os seus elementos criminosos, foi porque, a uma certa altura, tive a impressão que, certamente sem proposito, se estava talvez preparando o terreno que poderia levar á impunidade dos criminosos, para o que contribuiu a leitura de duas entrevistas dadas aos jornais *Seculo* da noite, de 24 de outubro, e *Diario de Lisboa*, de 27 do mesmo mês, respectivamente pelos srs. capitão-tenente Procopio de Freitas e ministro da marinha de então, nas quais se insinúa que os criminosos supostos da Armada eram elementos estranhos a ela, disfarçados com uniformes de marinha. Sendo esta versão lançada, evidentemente, no louvavel proposito de levantar o prestigio da Marinha, a qual, depois dos crimes, decaíu no animo geral, não conseguiu convencer ninguem, estando eu, por outro lado, convencido da opinião de que havia e ha um unico processo de levantar a reputação da Armada á altura em que justamente deve estar, o qual é o da depuração, que só se fará punindo implacavel e inexoravelmente os criminosos que nela existam, e são uma pequena minoria, que compromete a totalidade.

—Há outros oficiais de marinha que pediram tambem a sua demissão e que não foram presos?

—Há. Não compreendo como fui preso quando o mesmo não acontece ao contra-almirante Leote do Rego que, numa entrevista publicada no jornal «Imprensa da Manhã» de 4 do corrente mês, confirmada no jornal «Seculo», da noite, de 7 tambem deste mês, declarou que se considera desligado da armada, não fazendo quaisquer apresentações e não se importando que o considerem desertor e ao 2.º tenente Agatão Lança que, tendo requerido demissão de oficial da armada, declarou no jornal «O Seculo», de 23 de Outubro findo que, seja qual fôr o despacho ao seu requerimento, não mais se fardará emquanto estiverem impunes os elementos da armada responsaveis pelos crimes, não tendo, aliás, aqueles oficiais quaisquer imunidades, pois que o ultimo, que fôra deputado da Nação, o deixou de ser em face da recente dissolução do Congresso.

«Tenho muito orgulho na atitude que tomei, com a qual julgo ter ressalvado a minha dignidade propria e, dentro do que me foi possivel, talvez tenha contribuido para se levantar, como é necessario e não é dificil o prestigio da corporação da armada, hoje comprometido. Fui sempre um oficial disciplinado; prestei serviços no Corpo Expedicionario Português como tenente-medico miliciano que me valeram a Cruz de Guerra.

Eis o que eu disse ao ser interrogado quando fui preso — foram as ultimas palavras do sr. dr. Mario Garcia da Silva.

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Vinhais, D. Maria do Loreto de Borja Trindade, D. Ana de Castro e Lemos de Novais (Côvô), D. Virginia Vitor da Costa Lima, D. Maria da Natividade Perestrelo Guimarães, D. Maria do Carmo de Carvalho Duffner e D. Lucilia Kluft Lopes da Silva.

e os srs.:

Conde de Seisal, Francisco de Meyrelles Pereira Leite Teixeira Coelho, Henrique de Passos Ferreira e Vasco Calvet de Magalhães.

Baptisados

Realizou-se o mês passado na parequial igreja de S. Sebastião da Pedreira o baptisado de uma filhinha da senhora D. Elvira Tavares da Cunha Realista e do sr. Henrique da Cunha Realista.

A gentil criança recebeu o nome de Fernanda, tendo servido de madrinha a senhora D. Judite Fernandes e de padrinho o sr. Fernando Fernandes.

Concertos elegantes

No S. Luis

De dia para dia vai aumentando o entusiasmo pelos explendidos concertos sinfonicos da orquestra portuguesa sob a regencia do brilhante maestro Pedro Blanch, que ainda este mês se iniciarão neste teatro. Tanto a assinatura como a venda avulso tem sido enorme; sendo portanto de prever que as tardes dos domingos no S. Luís, vão ser um dos pontos de reunião preferidos pela nossa melhor sociedade.

No Politeama

O exito alcançado pelo concerto sinfonico da grande orquestra portuguesa sob a habil regencia do ilustre maestro Fernandes Fão, que no domingo ultimo se realizou neste elegante teatro, excedeu toda a nossa espectativa. A linda sala do Politeama apresentava um aspecto verdadeiramente encantador, vendo-se aí reunidas grande numero de familias da nossa sociedade «smart». Para o segundo concerto de assinatura, que se realiza no proximo domingo, está organizando o distinto maestro Fernandes Fão, um excelente programa em que figurarão as melhores obras dos mais notaveis compositores antigos e modernos. A tarde do proximo domingo no Politeama será portanto um elegante ponto de reunião.

Pontos de reunião

Agenda

Amanhã a nossa «elite» dá «rendez-vous» nas recitas da moda dos teatros S. Carlos e S. Luís, onde respectivamente se representam os originais portugueses «Entre giestas», de Carlos Selvagem, e «J. P. C.» de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, que se despede do publico.

Em viagem

Regressaram da Figueira da Foz á sua casa de Lisboa, com seus gentis filhinhos, os srs. viscondes de Montargil.

—Encontra-se em Madrid, vindo de Paris, o sr. José Martins Castelo Lopes, activo empresario-gerente do Cinema Condes, que é esperado em Lisboa na proxima semana.

—Com seus filhos, regressou a Lisboa, da sua quinte de D. Carlos, em Alemquer, o sr. marquês de Olhão. A sra. marquesa ainda ali se demorará alguns dias.

—Da quinta do Espanhol partiu para a de D. Carlos a sra. D. Tereza de Ornelas, que no fim da semana deve regressar a Lisboa.

Doentes

Têm felizmente passado muito melhor dos ataques de febre tifoide o sr. Alberto de Sousa Rego e sua gentil filha.

Fazemos sinceros votos pelo pronto restabelecimento dos dois enfermos.

NACIONAL Telefone C. 2049
HOJE
Prosegue na sua brilhantissima carreira a bela peça historica
D. AFONSO VI
Original de **D. João da Camara**
CONCORRENCIA E ENTUSIASMO

Hoje ha festa divertida!
Senhoras da alta roda
Sociedade da mais fina
Vae tudo p'ró Avenida
Ver em recita da moda
Uma viagem á China

COLISEU DOS RECREIOS
TELEF. C. 4196 HOJE E TODAS AS NOITES
O maior sucesso da temporada, o melhor e o mais economico espectaculo de Lisboa
2.ª apresentação dos celebres reis da audacia que obtiveram um colossal triunfo no seu numero A Helice Humana
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO
Variadissimos e sensacionais trabalhos--Grandes novidades e atracções

DIARIO DE LISBOA

UMA FIGURA DA HISTORIA DE PORTUGAL

O livro "A Rainha D. Leonor" do Conde de Sabugosa

Transcrição do capitulo intitulado "A creação de D. Leonor"

O novo livro do conde de Sabugosa— A Rainha D. Leonor é o grande acontecimento do nosso meio literario, neste outono revolto em que a clemente luz do sol não pode apagar tanta mancha de sangue. Embora se consagre ao estudo duma das primeiras rainhas de Portugal — mulher de D. João II e obreira perfeita da inteligencia e da piedade — nas suas paginas, calmas e iluminadas, vive toda uma epoca.

Perpassa a dura, mas nobre figura do rei, o pensamento das descobertas, as lanças de Africa, as intrigas e tragedias da côrte, a alma soberba e pagã da Renascença, mas pairando acima de tudo, serena e forte como uma prece que vence as tormentas, está D. Leonor. Ela é o coração do drama de que o seu marido e adversario é a mente construtora e larga, o braço implacavel.

O conde de Sabugosa chamou á verdade do seu destino historico, com um raro poder de evocação e eloquencia, essa que a historia corôa duma aureola e que os humildes ainda veneram como um dos seus anjos da guarda.

Tinha o Infante D. Fernando duas filhas; uma, D. Leonor, que nascera em Beja na casa da Rua dos Infantes, a 2 de Maio de 1458, a outra, D. Izabel, logo no ano seguinte.

Da primeira, aquela de quem nos ocupamos, são escassas as noticias que refiram episodios da sua creação, até que casou.

Apenas o franciscano Fr. Jeronimo de Belem, na *Cronica Serafica da Provincia dos Algarves* dela se ocupa, e ainda assim com aquela linguagem ao mesmo tempo alambicada e incaracteristica que lhe é propria, e mais parece um ramo ou palmito artificial fabricado por mãos de freira, que a vida de uma mulher notavel. «Todos os Escritores (diz o cronista) que falam *ainda que de passagem* nesta preclarissima Rainha, concordam uniformemente, em que a Providencia, mostrara nela uma especial copia da sua idéa Divina; pois a dotou de rara formosura, docilidade de genio, e com propensão para as virtudes, que sendo estas as perfeições, com que a alma mais se adorna, elas servem de esmalte á Corôa de Principes perfeitos».

Depois refere-se ás práticas religiosas, e exercicios devotos com que foi aparelhada para a vida, sem nos elucidar mais sobre as particularidades da sua educação.

Temos, porém, um elemento mais valioso, posto que indirecto, pelo qual nos podemos reger para irmos acompanhando a meninice da filha dos Infantes.

Seu avô, o Rei D. Duarte, deixara escrito um admiravel compendio de virtuosa sciencia, «um A B C de lealdade» proprio para formar almas, amoldando-as ao bem, e para cuidar dos corpos, dando-lhes robustez.

O autor do *Leal Conselheiro*, apesar de ter morrido moço, foi sem duvida um dos mais eruditos escritores do seu tempo. E a sua alma de santo, tão santo como seu irmão o captivo de Fez, cristalizou-se ingenua e pura naquele livro que é um dos monumentos mais belos de Portugal.

A leitura seguida dessa obra causará talvez enfado ao leitor de agora, cujo paladar anda afeito a outros acepipes; mas, se, aplicando o preceito do proprio autor «lêr pouco de cada vez» ao fim da obra achará bom proveito «á maneira de abelha que passando por ramos e folhas mais costuma de pousar nas flores, e dally filha parte do seu mantimento».

Lê-lo retempera o animo, e insensivelmente o espirito encara com dôce interesse e simpatia esse Principe melancolico e bom, que não só por herança regeu politicamente o seu povo, e com o exemplo ensinou a viver com direitura, mas que, escrevendo, legou á posteridade uma *ensinança* salutar, e á Nação um padrão de Gloria.

Não é, pois, uma fantasia dizer que os netos tiveram para os guiar, como tratado de pedagogia, o livro de tão esclarecido mestre, nem apenas um exercicio conjectural tomá-lo como norma pela qual foi pautada a educação de D. Leonor.

Foi aquele livro um seguro quadrante para a orientação dos espiritos durante longo periodo. Assim o entenderiam os Infantes D. Beatriz e D. Fernando, tomando-o como breviario e impondo-o como catecismo na educação da filha.

* * *

Levantada cedo, e logo depois de ouvida a missa começavam a dar-lhe noções de gramatica ou de lavôres.

E quando ao meio dia ia jantar, tinha já cumprido grande parte dos seus deveres escolares. Por vezes a Mãe, que era muito devota,

Conde de Sabugosa

chamava-a á capela, cuja organização e sumptuosidade nas cerimonias não diferiam das que tinha determinado El-Rei D. Duarte para a Capela Real, nos capitulos do seu livro que se intitulam:

Dô regymento que se deve teer na Capeela para ser bem regida.

Do tempo que se deteem nos officios da Capella.

Inumeros capelães, moços de côro, cantores e musicos, davam ás solenidades uma pompa que não era inferior ás que El-Rei determinava para as de sua Casa, com tantas minuciosidades, que marcara *meia* hora para a missa rezada, *menos de* hora para a cantada de requiem, *duas* horas para as vésperas, e *seis* horas para algumas das festas da Semana Santa, com sermão, procissões, etc.

Temperado assim o espirito de D. Leonor na prática da religião, e armada com as boas manhas que o mesmo Rei seu avô preconiza pormenorizadamente no *Leal Conselheiro*, com sagaz instinto de psicologo, e como bondoso regedor de almas, não deixariam de atender ás diversões proprias da sua idade e condição.

Musica, literatura, historia, poesia e exercicios fisicos, então como hoje entravam numa educação cuidada. E se percorrermos a *Lista dos livros do uso de El-Rei D. Duarte* nela encontraremos os que provavelmente eram aproveitados para instrução ou regalo intelectual da sua neta. A leitura selecta do *Livro de Galaaz* e do *Livro de Tristam*, o da *Virtuosa Bemfeitoria* que seu tio compusera, o *do Conde Lucanor*, o *Livro das Trovas de El-Rei* e outros foram o que primeiro despertaram na futura Rainha o gosto pelas belas letras, que tão inteligentemente veiu a proteger.

Essas leituras, feitas com sobriedade, não lhe sobrecarregavam o cerebro nem lhe enfastiavam o paladar. Nisso era ainda seguido o preceito que D. Duarte dera á Rainha sua mulher, ler pouco para compreender bem.

Durante as lições e quando já D. Leonor começava a entrar em estudos superiores não só de historia, lida nas *Cronicas de Portugal* e de *Espanha*, e da corografia decorando os *Cadernos das vilas de Portugal*, mas tambem ouvindo explicações sobre o *Livro de Estrologia*, haviam de lhe ter ensinado pelo debuxo que o engenhoso avô desenhara a conhecer as horas sem auxilio de outro instrumento.

E seria de ver então a pequenita inclinando a airosa cabeça, a observar o desenho onde o Rei traçara uma roda figurando no ceu uma cruz com quatro linhas. Depois a pequena Leonor, levantando a vista ao firmamento, procurava «a estrela maior dos guardas da noite». para conhecer as horas por essa quadrante original.

Quem seriam seus mestres?

Não o referem as cronicas. Mas é natural que algumas noções de letras humanas recebesse de Rui Dias de Gois, fidalgo ao serviço do Infante seu pai.

O filho dele foi o grande humanista Damião de Goes que, ao depois em 1511, quando tinha nove anos cursou as letras no Paço de El-Rei D. Manuel sob a proteção da Rainha D. Leonor. Sendo assim, retribuia por esta forma a inteligente Senhora, com a protecção ao filho, a instrução que recebera do pai.

Mas quem principalmente a encaminhou como mestre foi, segundo vimos, o livro de D. Duarte, o qual não só forneceu ditames para o espiritual, mas tambem preceitos de higiene.

No capitulo intitulado «Dos aazos per que se acrescenta o sentido do humor menencorico, e dos remedios contra eles» dá o bom Rei conselhos salutares e até pitorescas receitas.

As viandas, que não fossem menencoricas, o vinho aguado, os bem ordenados jejuns que convinham á disposição do corpo, entravam no regulamento extraído do *Leal Conselheiro* onde até se preceituava «a usança das pilulas comuns que, tomadas de quinze em quinze dias, eram muito proveitosas sobretudo quando a tristeza recrescia».

Tambem a sangravam no tempo proprio e lhe aplicavam os vomitorios aconselhados para duas vezes no ano, isto é depois da Pascoa «por a continuação passada do pescado, e a outra no setembro por a fruyta de verão».

Se o *Leal Conselheiro* foi um bom manual para a educação da filha do Infante D. Fernando, contribuindo para lhe fortalecer o animo com a mostrança de «como muitos erram na maneira de seu viver pela tibieza da vontade» (prescrições que tão proveitosas lhe haviam de ser na vida); e se dava salutares preceitos de higiene estabelecendo no capitulo do «regimento do estomago» quais as viandas que se devem ingerir, quais as que se devem evitar, como convem mastigar durante as refeições, e beber o vinho, o leite, ou as tisanas, etc., um outro livro servia de bom mestre para a aprendizagem dos exercicios corporais.

O Livro de ensinança de bem cavalgar toda sela não é apenas uma *Arte de cavalaria ou Manual de Picador*, como o nome parece indicar,

Ocupa-se, é certo, das regras praticas daquele nobre exercicio, mas porque o seu autor era um psicologo, um educador, e um homem de letras, dedica muitos capitulos á formação da alma do cavaleiro. Ensina a ser forte de animo, a não ter receios, a mostrar segurança e garbo isto é, a formar além dum bom cavalgador um nobre cavaleiro.

Para estes é feito e a eles se dirige.

Mas como então, Damas, Aias, Donzelas, Cuvilheiras, isto é, toda a Casa das Rainhas e Infantas se transportava cavalgando, ou inquietas facas ou vistosas hacaneas, ou pacificas mulas, muitos dos conselhos do sabio mestre, seriam aplicados na educação da pequenina D. Leonor, que acompanhava seus pais nas continuas deslocações das Alcaçovas para Beja, dali para Evora ou Alcochete.

Assim, a escolha das selas, o modo de evitar quedas, o corregimento do freio, o vestuario para cavalgar, a fórma de capelo ou carapuço e mais preceitos aplicados a cavaleiros e escudeiros, seriam aproveitados com as modificações requeridas pelo sexo e edade de D. Leonor.

Não seria necessario, porém, insistir nos capitulos em que D. Duarte fala, no modo como convém evitar o medo e o receio, porque a neta pertencia ao numero daqueles de que diz: «primeiramente som alguns sem receo per nacença, porque nacem sem medo».

Ela por herança nascera destemida e animosa.

A hereditariedade que é um tão poderoso elemento no desenvolvimento das faculdades e tendencias revelou-se em D. Leonor poderosamente.

Do pai, o resoluto Infante, cujo espirito empreendedor se assemelhava ao de D. Henrique o navegador, e ao de D. Pedro, o das *sete Partidas* seus tios, recebeu tenacidade nos propositos, e energia nas determinações. Da mãe, a calma Infanta D. Beatriz, proveiu-lhe a clara inteligencia com que esta havia de atravessar, usando de pericia e tacto, as dificeis situações creadas pelo violento e complicado feitio de seu sobrinho e genro. Assim tambem D. Leonor veiu a revelar-se firme e serena nos transes dolorosos que atormentaram o seu coração, sabendo dominar o ciume, o odio á rival, o pavôr nascido das tenebrosas conspirações, o horror proveniente da violencia com que foram sufocadas as rebeldias, a tragedia da morte do filho, o drama da sucessão, e a perda do marido.

Adeante veremos como se houve através dos lances, que a existencia lhe proporcionou.

Agora basta verificar quanto a prepararam para a dificil missão as herdanças paternas, e a educação que recebeu; sem esquecer as qualidades, que por atavismo recebeu da sua avó D. Filipa, a qual lhe transmitiu a seriedade de inglesa nas práticas de devoção, e as faculdades ajuizadas no exercicio da caridade que tão fecundamente veiu a exercer.

ASCENSORES ELECTRICOS
E HIDRAULICOS
JASPAR
Construcção e funccionamento inexcediveis
Ateliers JASPAR -- Liège
Pedir esclarecimentos
aos representantes
FILIPPE & FILIPPE L.TDA
RUA DO CARMO, 21
LISBOA

S.I.C.
Os melhores
chocolates, cacaus,
bonbons e drops,
Pedir sempre os
chocolates
S.I.C.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O inverno, as mulheres e a chuva

O calendario ainda não marcou a chegada oficial do inverno, mas Lisboa já vive o seu primeiro quarto de hora de inverno. A chuva, que é um lindo pretexto para uma capa de borracha, vai entrando na cidade por conta gôtas—é uma chuva que ainda tem conta e medida. Mas não tarda—ai de nós e ai de ti, gentilissima leitora!—a caír do céu, impenitente e continua, sobre o primeiro casaco de peles que Lisboa mandou transformar para a ultima moda. A chuva entrou com pésinhos de lã, roda ainda suavemente pela carpette *da calçada—mas que* carpette, *santo Deus! a Camara Municipal mandou estender pela cidade, para abafar os passos de Sua Magestade o Inverno que se anuncia!*

Esta quadra do ano, em que se acendem os fogões na cidade e a lareira canta na aldeia a canção do Fogo, é uma quadra do fado para os sem lar e sem conforto, que têm da existencia a noção de um bêco sem saída—tal qual como os bêcos escuros da nossa politica. O inverno dos pobres canta-se á guitarra, o inverno dos ricos toca-se ao piano.

Passam pelo Chiado certas mulheres que andam na vida como os cadaveres á tona de agua. São mulheres superficiais,

*Ha tambem mulheres verticais, mulheres horisontais, mulheres em angulo recto, agudo, obtuso. Reduzir a mulher a uma expressão geometrica é dar á mulher o seu verdadeiro papel na vida. Uma sogra nunca pode ser senão uma mulher em angulo obtuso. A mulher-modelo, a mulher-*anjo do lar — *é a mulher em angulo recto. Deus nos livre das mulheres em angulo agudo!*

Aquela costureira do Grandela, que vai a passar, com uma ilusão da vida toda espuma de Champagne e dezasseis anos que são um rozario de novelas romanticas, é a mulher vertical. Quando os seus olhos descerem da altura a que se deixaram elevar, num vôo de passaro tonto, á realidade fria do Chiado, com policias e vieux-marcheurs, *está a caminho de ser uma mulher horizontal.*

...A chuva tem a vantagem de lavar a cara das mulheres que não se lavam. E' o baton *daquelas que não usam carmim. E se outras vantagens não tivesse, tinha sempre a vantagem de servir de assunto, no começo do inverno, á cronica do dia.*

Norberto Lopes

DR. FONTOURA XAVIER

O sr. dr. Fontoura Xavier, ilustre embaixador do Brasil em Lisboa, deu-nos a honra da sua visita, que muito nos penhorou. Acompanhava o sr. embaixador o secretario da embaixada, sr. dr. Macedo Soares.

O conselho colonial

anulou hoje uma portaria do sr. Sousa Guerra

O conselho colonial anulou hoje, por unanimidade, a portaria da autoria do ex-governador da Guiné, sr. Sousa Guerra, em que este castigou com 60 dias de suspensão, por questões de serviço, o administrador da circunscrição daquele distrito, sr. Antonio Augusto Barros.

Aos governadores ultramarinos

presta o seu apoio o ministro das colonias

O sr. ministro das colonias, agradecendo os cumprimentos dos governadores das nossas colonias, afirma o seu proposito de lhes prestar o apoio necessario para o exercicio dos seus cargos.

A CULTURA PORTUGUESA

A HISTORIA DOS TRABALHOS E DAS PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA

O "Diario de Lisbôa" entrevista o sr. dr. Fidelino de Figueiredo

A celebração do 5.º centenario da tomada de Ceuta e o prestigio da literatura portuguesa no estrangeiro

A entrevista que vai ler-se deve ter, assim o deseja o reporter, o seguinte titulo: «As atribulações da Academia de Sciencias de Lisboa, em Portugal».

Ouve-se a palavra erudita do sr. dr. Fidelino de Figueiredo que, segundo ele, é um amigo provado da Academia, apezar de estar um pouco *amuado;* vêem-se scintilar os seus oculos de estudioso e investigador que já tem uma boa meia duzia de livros, todos interessantes, todos curiosos, sobre a lingua portuguesa.

Já aqui se diz que esta entrevista é multipla. Bem explorada, bem detalhada, daria mais três. Porque, quando o sr. dr. Fidelino Figueiredo fala, mesmo para os jornais, prende-se em tantas reminiscencias historicas, lança-se e projecta-se, sobre tantos assuntos, que fixá-lo é um tanto dificil, senão indelicado. Vamos pretender concatenar o que nos disse o sr. dr. Fidelino de Figueiredo.

De principio, tratou-se das publicações da Academia das Sciencias:

—Em 1915, quando do 5.º centenario da tomada de Ceuta e 4.º da morte de Afonso de Albuquerque, a Academia promoveu uma celebração. A Sociedade de Geografia tambem a quiz fazer, mas a nossa foi melhor. Publicámos então curiosos manuscritos e memorias criticas, referentes á nossa historia em Marrocos. Como sabe, puzemos pé naquele territorio no ano de 1415 e abandonámol-o, com a perda da praça de Mazagão em 1769. A Academia tem publicado inumeros volumes...

—Quantos?

—Desde a sua fundação, mais de mil.

—Tem publicações anuais?

—Tem umas doze.

—Sobre a nossa historia com Marrocos, publicaram trabalhos, todos editados pela Academia—aqui tem o catalogo—os srs. Esteves Pereira, David Lopes, Correia Pinto, Antonio Baião, Pedro Azevedo, Vieira Guimarães e o velho José Maria Rodrigues.

E deste assunto das publicações, muito restricto em si, passámos, para a historia, orientação e desenvolvimento da velha Academia, promulgada em lei, pela lealissima rainha D. Maria I, segundo as cronicas, secundando a ideia aventada pelo duque de Lafões e abade Correia de Lacerda, ambos da Real Sociedade de Londres. Isto ai por alturas de 1779.

Mas nós não queremos tornar esta entrevista lição de historia. Vamos actualizal-a. Estamos em 1910: governo provisorio.

Diz o sr. dr. Fidelino de Figueiredo.

—Nessa ocasião o governo, de que era chefe um academico, tirou-lhe a tipografia, as pensões a socios de merito, e reduziu as suas dotações. A Academia começou a viver mal. Isto espanta! Quem andou pelo estrangeiro, como eu, sabe a extraordinaria consideração que todos os meios cultos tributam á Academia de Sciencias de Lisboa e á Universidade de Coimbra. São das mais velhas instituições scientificas do mundo; têm um renome extraordinario que lhes vem das suas velhas e gloriosas tradições.

«Em 1913, um ministro da instrução, que era professor, cerceou ainda mais as dotações da Academia, contando as gratificações dos cargos academicos.

Sidonio Pais, felizmente, em 1918 ampliou-lhe as suas dotações; restabeleceu a autonomia administrativa, estabeleceu as gratificações, reformou os estatutos que vigoravam, ainda do tempo de D. Maria II. Mais tarde voltou-se ao antigo estatuto, porque apodaram o de Sidonio Pais de estatuto dezembrista. Emfim!

Esta palavra foi pronunciada com tristesa.

Entrou-se depois, num capitulo de critica, melhor de paralelo, entre a nossa academia e as estrangeiras:

—O Instituto de França é um centro mundano: recepções, casacos, fardas, espadachins. Ha os grandes discursos, quando morre um dos quarenta... O seu trabalho é manter a pureza da lingua francesa e fazer o diccionario. Não calcula a intriga que vai pelos salões, quando se trata de eleger um novo socio! A mulher tem um papel importantissimo nessas eleições. A Academia Brasileira, que é particular, e que está instalada modestamente, tem os mesmos moldes da francesa. Desde que morreu Francisco Alves, livreiro português, que lhe legou qualquer coisa, uns cinco mil contos, os academicos passaram a ser remunerados. Quando lá estive tive ocasião de vêr a influencia desastrada que a Academia exerce na mocidade. Agradará este livro á Academia? Não agradará? Assim desaparece o espirito critico...

—E a nossa Academia?

—A nossa Academia pode-se chamar um centro de investigação original. Raras são as sessões salenes; não se fazem discursos e, cada um, pode ir tal qual como lhe estou falando: fato de trabalho. Temos imensas publicações, fazem-se comunicações interessantissimas; trabalha-se nodicionario da lingua.

—V. ex.ª não nota que se tem pela Academia um certo esquecimento?

—E' verdade! Ela precisa de dinheiro, considerações oficiais—não as tem tido ultimamente;—interesse do publico; campanhas de simpatía, por parte da imprensa e...

—E?

—Algum sangue novo.

E o sr. dr. Fidelino de Figueiredo fala-nos largamente da *Junta para Ampliação de Estudos e Investigações Scientificas* de Madrid, fundada em 1907 e que fez, em toda a Espanha. uma verdadeira revolução intelectual.

—Em 1918, fiz, com o secretario da Junta, a redacção duma convenção intelectual espano-portuguesa. Nessa convenção estabelecia-se a permuta de professores e investigadores portugueses e espanhois e a obrigação, da nossa parte, da instituição dum centro correspondente á Junta. Mudei já de opinião. A Academia de Sciencias de Lisboa, com as suas duas importantissimas bibliotecas, uma delas herdada em 1834 do convento de Nossa Senhora de Jesus, onde está instalada, com os seus membros, com os seus trabalhos, pode muito bem exercer em Portugal a mesma missão que a Junta de Madrid. . . .

A RUSGA DE ONTEM

A policia procura 150 individuos?

A rusga geral á cidade que a policia de investigação e a P. S. E. procederam, durante a noite passada, por ordem do chefe do governo, e que alvejava, principalmente, certos individuos conhecidos como agitadores, deu apenas em resultado efectuarem-se quatro prisões. Hoje, tanto á tarde como á noite, devem realizar-se novas rusgas. No entanto, sabemos que ha ordem de prisão contra 150 individuos. Esta ordem foi ontem conhecida, pouco depois de dada, o que deu margem a que os individuos procurados não pudessem ser detidos.

DOUTRA MANEIRA...

A ORDEM PUBLICA

O PAÍS INTEIRO APOIARÁ O ACTUAL MINISTERIO SE FOREM CASTIGADOS

os criminosos da noite de 19 de outubro

O sr. presidente do ministerio e ministro do interior, numa entrevista que concedeu ao *Seculo* da manhã, afirma o seu honesto intento de manter a ordem publica, condição indispensavel para que o país possa trabalhar e prosperar. O *Diario de Lisboa* que, desde o seu primeiro numero, se manifestou contrario a revoluções, não póde deixar de apoiar quem tão certeiramente se coloca diante dum problema que busca resolver.

Das declarações que o sr. ministro da guerra fez ontem a um dos nossos redactores colhe-se a impressão de que a disciplina militar não é uma dificuldade insoluvel, mas sim um trabalho de prudencia e bom senso que os proprios acontecimentos facilitam. Não temos por costume alimentar esperanças vans, porque a realidade breve as desmente. Todavia, sentimo-nos um pouco mais tranquilos que, nos dias passados, quando o fermentar dos odios e paixões roubava a natural lucidez a alguns espiritos que confundiam o remedio do mal com o veneno que mata o doente.

Existe um governo cuja presença não podemos ignorar. Poder-se-ia constituir outro melhor, na data da sua organização? E' crivel, mas a verdade é que as vontades ou os factos permitiram que só o sr. Maia Pinto vencesse os obstaculos de que outros se arrecearam. Como a politica é uma sciencia de oportunidades, o actual ministerio é o que de melhor agora, podemos apresentar. Convém, portanto, que ninguem lhe volte as costas, mas que todos o amparem e avigorem, para que assim se evite qualquer daquelas sarabandas delirantes que precedem a ruina dos povos.

Claro está, o sr. Maia Pinto não pode esperar a cooperação do país, se não conseguir levar ávante, implacavelmente, o inquérito relativo aos crimes da noite tragica. Se não hesitar nem tergiversar neste assunto, brevemente sentirá, em tôrno de si, uma atmosfera de carinho e aplauso.

Esta é a condição *sine qua non* não só da sua existencia, mas da sua honra como chefe do governo

E' incontestavel que alguns dos membros do governo, a começar pelos srs. Veiga Simões, Francisco Tsancoso, Antão de Carvalho e Costa Cabral, são criaturas animadas do proposito de bem fazer, não se vergando, portanto, a outras imposições que não seja o desejo de servir o bem comum. Porém, se o sangue inocente, derramado na noite tragica, continuar baldadamente a clamar vingança, graças ás fraquesas ou complacencias do poder, então, mesmo que o sr. Maia Pinto se se ofereça a si proprio em holocausto á furia das turbas, raros lhe agradecerão a inutilida de do seu sacrificio.

Coisas de arte

Na entrevista que o *Diario de Lisboa* fez ontem com o sr. Luiz Keil saiu, por engano, que está em Mertola uma casula de proveniencia inglesa, quando é certo que já lá não existe.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

COISAS DE ARTE

JORGE BARRADAS

PARTIU ONTEM PARA VIGO ONDE VAI EXPOR ALGUNS DOS SEUS TRABALHOS

uma conversa com o distinto artista

Jorge Barradas, o humorista do lapis fino, o nosso mais gracioso desenhador de elegancias, partiu ontem para Vigo.

Os artistas portugueses estão correspondendo ao chamamento dos nossos irmãos galegos, indo em peregrinação até á terra alem Minho.

Em geral os artistas destes intercambios não pertencem ao escol do seu país. São artistas de exportação.

Não se dá isso com Jorge Barradas. Sendo novo, e mais novo ainda no seu fisicosinho do que na idade, que já lhe anda a calvar o cimo

JORGE BARRADAS
(Auto-caricatura)

da cabeça, Jorge Barradas tem já uma obra atraz de si.

Ele inunda os jornais e revistas portuguesas de desenhos leves, graciosos, cheios de intenção, emprestando aos nossos mazorros *magazines* uma *surplesse* que eles não tinham, bem educados na firmeza decorativa dos alemães mas penetrado dum espirito francês.

A' partida do artista trocamos com ele algumas palavras,

—Como é que você se lembrou de ir até á Galiza?

—Isto é já um projecto do ano passado—velhissimo, portanto. Não fui nessa altura porque um colaborador literario dum jornal que eu dirigia literariamente se permitiu umas facecias sobre os *galegos*. Apesár de não ter nada com a literatura do jornal, adiei a partida.

—E o que o leva lá?

—Conhecer a Galiza, a arte galega e os artistas galegos.

—Você gosta deles?

—Imenso. Em especial, Castellao. Tenho um grande interesse em conhece-lo.

O que me dizem da Galiza tem-me interessado muito. O Pedro Menezes e a Amelia Rey Colaço têm conseguido despertar-me a curiosidade...

—Você vai expôr?

—Sim, mas apenas como apresentação. Não é uma exposição em forma, Levo apenas alguns trabalhos ultimos e conto fazer lá outros, da vida galega.

—Você conta demorar-se?

—Talvez. Talvez dê uma volta pela Espanha. Quero conhecer os museus, o Ramon Gomes de La Lerna e o *Pambo*. Não acha bem?

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

A POLITICA DE "APRÉS LA GUERRE"

O TRATADO DE COMERCIO ENTRE PORTUGAL E A ALEMANHA DEVE EM BREVE FICAR CONCLUIDO

O "Diario de Lisbôa" conversa com um dos secretarios da legação alemã

que nada querendo afirmar, diz no entanto, o bastante para das suas palavras se poder tirar um sentido optimista

E' na quinta da Conceição, a Bemfica, uma quinta de muros baixos e grandes arvores, em que o outono anda a delir as folhas, que mora o sr. ministro da Alemanha em Lisboa.

A casa fica lá ao fundo. Anda-se um caminho matizado de erva, ladeado de videiras, cheio de folhas secas. O parque, deixou de o ser, para se transformar em quinta, naturalmente, desde que o sr. ministro foi viver para ali. Não se veem flores. Ha couves, latadas, pomares; e algumas galinhas, respeitaveis mães de familia, que se assustam, com os passos brincalhões de três alemãsinhas que vão para a lição, sem *nurse*. Em frente da casa: três andares de frontaria vasta, pintados a *ocre-jaune*, um porteiro que sabe falar português, toma posse do nosso cartão.

O sr. ministro está ocupado, muito ocupado mesmo, mas o secretario recebe—diz-nos.

A escada aparece em magnifica madeira envernizada e aparecem, tambem, um pouco daquelas chinesices de que o sr. ministro é coleccionador.

O secretario, um homem de altura fisica e diplomatica, com toda a delicadeza pede-nos, em francês, que lhe dispensemos a graça de nos sentarmos e de lhe confiarmos o chapeu. Ele senta-se tambem e, com muitos sorrisos, emquanto vai fumando, informa que, rialmente, o sr. ministro está muito ocupado.

—Mas muito?

—Muito!

—Viemos até cá para sabermos algumas coisas, poucas—se quizer—das relações entre Portugal e a Alemanha.

Era uma frase vaga, só para principiar. O secretario, no entanto, entendeu logo que a entrevista que se pedia ao seu chefe, como ele lhe chama, tinha um outro fim.

—Nada; é muito cedo. Se voltasse mais tarde?...

—Mais tarde! Mas nós respeitamos as diplomacias, todas as diplomacias. Punhamo-las agora de parte, para v. ex.ª dizer, por exemplo, esta banalidade: relações entre os dois países? Excelentes! Optimas! O publico já fica contente. E' uma afirmação que não vai fazer perigar as conferencias repetidas que o sr. ministro da Alemanha tem tido com o sr. dr. Veiga Simões, na presença do conselheiro da legação.

Tinhamos chegado ao assunto.

O secretario, sempre em francês, começou a imprecizar a conversa, a torná-la mais amavel, o menos comprometedora.

—Agora, não. Emquanto se estiverem trocando pontos de vista, telegramas, falar é assunto muito delicado.

E repetiu as palavras: muito delicado.

—Ha qualquer coisa então muito delicado. Negociações que se esboçam. Talvez um tratado.

—Com o meu país?... Talvez não...

—Talvez sim.

O secretario riu-se. Era uma resposta, muito afirmativa. Porque, quando um diplomata troca uma frase por um sorriso, ante uma interrogação, o sorriso confirma, Isto aprendemos nós, com o sr. Melo Barreto...

Precisamos com decisão e um pouco de mentira. E' uma coisa necessaria que é sempre imprescindivel, em entrevistas deste genero.

—O sr. dr. Veiga Simões, em quem já falámos, mostra-se partidario de um tratado comercial entre Portugal e o vosso país. A Alemanha foi e é ainda, o grande armazem do mundo...

—Foi o sr. ministro quem lhe disse isso?

—Não! Mas é este o seu pensamento. V. ex.ª sabe-o tambem como eu.

—Sim; hoje num jornal, vem uma entrevista... Mas é um assunto muito delicado... Por emquanto as negociações...

—Bem! Bem! Respeitamos os seus escrupulos. Uma palavra agora podia comprometer as negociações de que v. ex.ª fala.

E o secretario, muito amavel, sorriso dubio e com um certo mêdo de já ter dito demais:

—Se me garante não fazer deste curto diálogo—porque foi muito curto e eu não afirmei nada—uma entrevista, prometo-lhe uma audiencia do meu chefe...

—Quando?

—Por emquanto, não.

—Ah! sim! E' preciso concluir as negociações, torná-las efectivas... A imprensa dizendo...

O secretario agitou-se na cadeira. Levantámo-nos. A entrevista concluira. Por ela, depreenderás tu, leitor, que o tratado de comercio entre Portugal e a Alemanha vai em muito bom caminho e que tem a simpatia absoluta do ministro deste país.

A burla dos 480 contos

Duas prisões importantes?

A' hora a que escrevemos devem-se ter efetuado duas prisões importantes, que se ligam com o caso da burla do escritorio da rua do Jardim do Tabaco, em que se acha envolvido o burlão Antonio dos Santos Franco.

Lêr na 2.ª pagina:
Entrevista com o medico da Armada sr. dr. Mario Garcia da Silva sobre os ultimos acontecimentos.

Reparações de estradas

O governador civil da Horta, sr. dr. Gabriel Baptista de Simas, pediu ao sr. ministro do comercio que seja concedido uma verba de 5 contos para a grande reparação a efectuar na estrada u. 19 da ilha do Pico, Açores.

Corpo de marinheiros

O comando da 3.ª brigada

Deixou o cargo de comandante da 3.ª brigada do corpo de marinheiros o 1.º tenente sr. Monteiro Cardoso.

ALEM-MAR

Medidas sanitarias urgentes

Foi determinado para algumas das nossas colonias que sejam estabelecidas varias providencias sanitarias, a fim de evitar a invasão de doenças pestilentas.

Uma sindicancia rigorosa

Foi mandado proceder a uma rigorosa sindicancia aos actos do coronel de engenharia sr. Vilhegas Quinhones, como director dos serviços do fomento da Guiné.

Taxa especial

Na India foi criada uma taxa especial para a entrada e saída de individuos, no territorio daquele Estado.

Os Teatros

QUATRO ANOS DE TEATRO

Faz hoje quatro anos que se estreiou no então teatro Republica uma actriz que chamou logo para si a atenção do publico e que hoje é uma estrela das de maior brilho da scena portuguesa. Sob os olhares paternais de Augusto Rosa, Amelia Rey Colaço ascendeu em pouco tempo ao logar a que tinha direito pelos seus dotes de inteligencia, pela sua fina educação e pelas suas admiraveis qualidades de artista. «A Marianela», o seu primeiro exito, abriu-lhe o caminho que depois se havia de tornar uma carreira triunfal. E' interessante fazer hoje um balanço á vida artistica da distintissima actriz. Amelia Rey Colaço representou até esta data 25 peças:

«Marianela», 68 vezes; «Amor de Perdição», 18; «Almas sem ramo», 11; «Ana Maria», 4; «Luz dum vitral», 7; «A culpa», 5; «Sangre gorda», 4; «Dois garotos», 26; «Burro de Baridan», 19; «Assim se escreve a historia», 6; «Pedra de Toque», 1; «Sol de Abril», 5; «Migalha» 1; «Sonho duma noite de agosto», 91; «Amanhecer», 66; «O Segredo», 10; «A Castro», 37; «Os Lobos», 38; «Maria Isabel», 10; «Leonarda», 10; «Zilda», 50; «Pescador de Perolas», 24; «Entre giestas», 27; «Sedutores», 11; «Jerusalem», 9.

ATRAZ DO REPOSTEIRO

Os livros de memorias de artistas de teatro vão-se anunciando aos cardumes... Fala-se já em que Angela Pinto, Augusto de Melo, Lucinda Simões e José Ricardo teem em preparação volumes que hão-de ficar para juntar aos de Augusto Rosa, Izidoro e Santos Pitorra. Hoje informam-nos de que Pepa Ruiz, a celebre Pepa da revista e da opereta, que os nossos pais conheceram e admiraram nos primeiros palcos de Lisboa, vai tambem publicar, dentro de pouco tempo, um livro de recordações. Diz-se tambem que aparecerá nas montras das livrarias antes da sua proxima partida para o Brazil.

—Deve estrear-se como actor, na proxima «tournée» dirigida pelos artistas Emilia de Oliveira e Salvador Costa, um rapaz muito conhecido no nosso meio elegante, que usará o pseudonimo de Nuno de Covas.

—Este inverno, num dos mais bem frequentados salões animatograficos de Lisboa, em homenagem á França serão exibidas, num mez, só peliculas duma casa franceza, cujos artistas são hoje considerados os mais belos elementos deste genero.

—O protagonista do «film» que vai ser editado no Porto, «O primo Basilio», será interpretado pelo actor do teatro Nacional, Rafael Marques.

—Segundo nos dizem, encontram-se sem contrato, na presente epoca teatral, nada menos de 19 actores e 17 actrizes.

—Flora Dyson, que se estreou a epoca passada no genero declamação no teatro do Ginasio, deixou de fazer parte da companhia Alves da Cunha.

—Subiu ontem á scena no teatro Sá da Bandeira, do Porto, a peça «Mamã», de Montenez Sierra, traduzida por Carlos Ferreira.

—Henrique Alves, o unico «João Ninguem» português que consegue ser «alguem» em teatro, vai tomar conta da direcção artistica da companhia do teatro Apolo, que em breve parte em «tournée» para o Brasil.

—Anuncia-se para o dia 10 a reaparição da companhia Alves da Cunha no teatro da Trindade.

—Parece que o actor Cristiano de Sousa, que ha meses se encontra entre nós, convalecendo de uma grave doença que durante muito tempo o impossibilitou de representar, parte brevemente para o Rio de Janeiro para ingressar na companhia que Carlos Santos anda organizando.

—Na peça «La Maison Cernée», que ainda este mês sobe á scena no teatro Nacional, as scenas do 1.º e 4.º actos são pintadas pelos scenografos Campos e Oliveira, vendo-se no ultimo acto o panorama de Jerusalem.

—A companhia de opereta organizada por Gabriel Prata e Eduardo Raposo, qae vai percorrer a provincia, sai de Lisboa do dia 1 de Dezembro, levando como primeiras figuras femininas Maria Pires Marinho e as irmãs Angelita e Mercedes Gonzalez.

—Parece confirmar-se a noticia de qne o tenor Borgioli cantará algumas operas esta epoca em S. Carlos.

RECLAMES

S. Carlos—A companhia Amelia Colaço-Robles Monteiro leva hoje á scena, em primeira representação nesta epoca, a peça de Carlos Selvagem «Entre giestas».

Nacional—Quem aprecia belos espectaculos, requintadamente artisticos, deve ir a este teatro, onde se representa a peça historica «D. Afonso VI».

Politeama—E' hoje que reaparece, apoz 15 anos de afastamento da vida teatral, a grande actriz Lucilia Simões. Sobe á scena, em terceira recita de assinatura, a peça de Oscar Wilde «Uma mulher sem importancia».

Avenida—Hoje não posso! Tenho de ir á recita da moda! O que se representa? A opereta «Uma viagem á China»!

Apolo—O quadro novo que Eduardo Schwalbach introduziu na sua revista «Gato por lebre» estreia-se hoje.

Eden—Sempre na vanguarda de todas as revistas, o «Pau de dois bicos» segue a sua carreira de gloria.

Chiado Terrasse—Nunca em Lisboa foi interpretada a «Migalha», a linda peça de Nicodemi, como Luz Veloso a desempenha.

Salão Foz—E' hoje que se inauguram as recitas da moda com a revista «Bichinha gata...».

Coliseu dos Recreios—Sucedem-se as enchentes nesta casa de espectaculos, onde a companhia de circo está exibindo os seus magnificos trabalhos.

UM NOVO MUSEU NO CARMO

IMPRESSÕES DE UMA VISITA A UMA EXPOSIÇÃO DE MOBILIARIO ARTISTICO

De como a Arte e o Comercio podem ser excelentes aliados

Um amigo meu que avesa alguns milhares de escudos e muitas toneladas de bom gosto, enxertou ante-ontem uma conversa de mesa de café sobre a chuva e o bom tempo, que eu mantinha por dever de não estar calado, com a frase que a seguir reproduzo:

—Tu já sabes que se fundou um novo muzeu no Carmo?

—O quê?! Mais ruinas para conquista de diplomas honorarios de arquitetos e arqueologos?

—Ruinas?! Enganas-te. No museu de que te falo, ali no largo do Carmo, numero dezoito, segundo andar—queres mais indicações?—pódes admirar um trabalho construtivo capaz, pela deliciosa arte que encerra, de fazer abrir bocas de pasmo aos sinceros e de vincar caretas de despeito nos rostos dos que em marcenaria negoceiam, tendo como unico fim ganhar dinheiro.

Esbocei um sorriso sceptico, absolutamente marca novembro de mil novecentos e vinte e um. E comentei:

—E's reclamista desse novo museu?

—Perdoo-te a chalaca com a condição de me garantires que irás hoje mesmo visitar a exposição de mobiliario artistico que a sociedade Marin, Rebelo de Andrade e Alcobia, acaba de inaugurar. Só depois de o fazeres poderás ter autoridade para julgar se sim ou não se trata dum verdadeiro museu.

Fiz a vontade ao meu amigo que avesa milhares de escudos e toneladas de bom gosto. E comecei por ter surprezas, a primeira das quais foi encontrar uma «garage» conhecida e gentilmente cedida pelo sr. Pereira de Carvalho, transformada em paraizo desconhecido de encantadora e sugestiva arte. «Maples» elegantes, confortaveis, convidativos—«maples» que não teem necessidade de falar para atrair o visitante a uma hora de reponso. Quartos de cama, salas de jantar, escritórios, salas de visitas, em todas as feições, em todos os generos, magnificamente decoradas e burilado o recheio com uma perfeição em em que se adivinha a idéa realizada dos artistas do «metier» de produzir obras dignas do seu nome e dignas sobretudo da admiração dos apreciadores mais exigentes.

Ali, tapetes persas que encantam. Mais além tapetes genuinamente portuguezes, tapetes de Arrayolos, mimos duma concepção artistica consoladoramente portuguesa.

O ambiente tem muitas serpentinas, muita luz, luz que fere a vista sem a molestar, antes deliciando-a, fazendo crêr ao visitante que está muito longe da terra, que paira muito alto, que está vivendo minutos inolvidaveis num eden feericamente decorado.

Ha cinco minutos que estou pregado ao chão a contemplar uma mobilia de quarto, clara, gárrula, talhada a capricho, desenhada com talento.

Batem-me no hombro:

—Agrada-lhe?

E eu balbucio como homem que não póde comprar:

—Deliciosa!

O meu interlocutor é o sr. Carlos Marin, um dos socios da casa. Apresenta-se-me sem rodeios, com um olhar de franqueza a rir risos acolhedores. E repete:

—Agrada-lhe então esta mobilia?

—E a quem não agradará?

No rosto de Carlos Marin, rosto sem nuvens, rosto talhado por um molde de simpatia, apercebe-se a satisfação que lhe causa o meu juizo. E paga-me com uma confidencia—a historia daquela mobilia:

—Feição D. Maria II. De antigo fique sabendo que só tem uma das cabeceiras da cama. E' esta, quer ver? Conhece-se pela parte da madeira que por ficar oculta não precisou de ser pintada. Pois por esta cabeceira foi estilisado o resto da cama e as restantes peças da mobilia de quarto que tanto o está encantando.

—O artista?

—Rebelo de Andrade. Muita juventude e muito talento. Foi ele quem delineou, quem deu o desenho, quem indicou a forma de executar. Quanto á execução, perfeita como vê, é obra de José Rodrigues d'Oliveira, chefe das nossas oficinas do norte.

* * *

Agora, Carlos Marin, depois dum gesto amigavel de desculpa, abandona-me por uns momentos. E' que o cortejo dos visitantes engrossa. E a maior parte deles não se contenta com a simples observação. Quer detalhes, quer preços, quer saber se póde encomendar «egual a isto» que já está vendido e quando poderá estar pronto... Chovem as preguntas, cheias de entusiasmo e de interesse. Bailam no ar intergeições lisongeiras.

—Papá! Que linda esta serpentina!

—Eu não te dizia ontem que esta mobilia de casa de jantar é soberba! Agora que viste, confessa se eu tinha ou não razão...

—Esta «chaise-longue» já me não escapa.

Numa aberta deste disparar de desejos e comentarios Carlos Marin aproxima-se de novo e convida-me a visitar o segundo andar. Escada acima conta-me a historia da fundação da casa. Uma historia bem simples.

—Sabe como chegamos a isto?

—Ha-de dizer-m'o...

—Fez três anos que alugamos a casa que vai vêr. Tinhamos muitas esperanças no cerebro e pouco capital no cofre. O Guilherme Rebelo de Andrade, arquiteto distinctissimo, o José Alcobia, artista de pulso na decoração e eu, um pouco decorador tambem, começamos por trabalhar em pequena escala tendo como preocupação suprema fazer arte dentro da arte que nos abalançavamos a cultivar. Conseguimos um triunfo rapido. As primeiras encomendas surgiram, multiplicaram-se... O capital era reduzido, já lh'o confessei. O que fazer? Procurar o auxilio de bons amigos. E fizemo-lo e em boa hora o fizemos: Aqui nos tem acreditados, properos, sem ambições gananciosas, muito mais preocupados com a arte do que com o comercio, redeados de colaboradores que nos estimam e que muitissimo contribuiram para esta victoria que nos envaidece. Estre eles cito-lhe como amostras e belas amostras, Anastacio Capon, chefe das oficinas de estofador, artista de raro merito e o chefe das oficinas de marcenaria José Nunes a quem devemos em grande parte a satisfação das nossas aspirações. E quantos mais!... Olhe: este quarto, feição Luiz XVI, foi forrado pelo distincto professor Cristofanetti.

* * *

Começáramos a percorrer o tal segundo andar museu, tão reclamado pelo meu amigo que avesa dinheiro e bom gosto. Carlos Marin continuava a falar. O que dizia não me ocorre. Ouvia-lhe vagamente a voz sem curar de destrinçar as palavras. A minha atenção estava inteiramente presa ás pequenas maravilhas que ia descortinando. Entrou, de repente, em pé de vento, um rancho de senhoras. Uma verdadeira invasão. Exclamações, frases de admiração, gritinhos de alegria. Carlos Marin largou-me para ir cumprir a preceito as regras da hospitalidade. Dois segundos após, Rebelo de Andrade, desembocando no corredor estendeu-me a sua dextra leal e inquiriu:

—Então?

—Pode e deve orgulhar-se desta exposição que constitui um triunfo absoluto.

—Diz-mo de coração?

—Tão certo que até tenciono escrever um artigo de impressões.

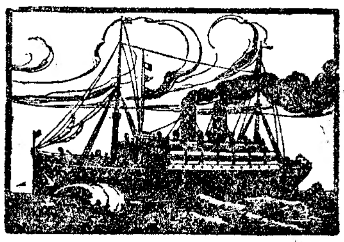
—Pois se o escrever fará favor de frisar o que lhe vou transmitir: a nossa sociedade não só se interessa por mobiliarios e decorações como tambem por construções. Quer dizer: pretendemos realizar o interessante plano de construir casas segundo plantas elaboradas por nós proprios nas quais atenderemns—cingindo-nos o mais possivel, é claro. aos desejos dos clientes—aos locais onde os moveis devem ser colocados nas diferentes divisões, por forma a conseguir uma estetica a que muitos não ligam importancia mas que é no fim de contas o encanto dum lar. Você está a vêr: nós construimos, nós mobilamos, nós decoramos... O que resulta?

—Resulta, segundo creio, que tudo fica nos seus verdadeiros lugares e que deve ser delicioso habitar casas construidas de proposito, mobiladas de proposito e decoradas mais a proposito ainda.

—Vamos fazer a experiencia no Monte Estoril. Dentro em pouco começarão as obras. Estou convencido de que a experiencia frutificará.

Ouviu-se a voz de Carlos Marin chamando Rebelo de Andrade. Tratava-se duma familia que queria fazer-lhe um interrogatorio cerrado a proposito duma mobilia feição Imperio. O interrogatorio arrastou-se. Saí sem me despedir, um pouco despeitado por ter que confessar áquele amigo que avesa contos e bom gosto que realmente existe um novo museu no largo do Carmo.

S.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação
entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes
Pinto & Sotto Mayor
R. do Ouro, 24
Telefone n.° 1227 C. LISBOA

GAZOLINA "SHELL"
QUALIDADE SUPERIOR
Preço por caixa.... Esc. 51$00
Preço por litro...... " 1$27
PEDIDOS Á
THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD
CHARLES H. BLECK-MANAGER
49--R. do Crucifixo TELEF. C. 5411 E 5412
141--R. de S. Julião--145 TELEF. C. 5231
DELEGAÇÃO NO PORTO
246--R. MOUSINHO DA SILVEIRA--250

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

DR. ARMANDO NARCISO
CLINICA MEDICA
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

EM ANVERS

são postos á venda dezasete navios ex-alemães

o preço foi de sete libras por tonelada, ou seja, pouco mais de 247 francos

O leilão rendeu quasi três milhões de francos

PARIS, 17

Acaba de se proceder em Anvers á venda de 7 navios ex-alemães. Uma firma belga adquiriu os 13 navios abaixo designados:

«Sonnefels», de 5.354 toneladas, «Greiffenfells», de 5.808, Ebrentels», de 4.450, «Kybfols», de 5.049, «Markburg», de 4.320, «Pyrgus», de 3.588, «Turim», de 1.756, «Poterhof», de 1.459, «Bremem», de 1.659, «Minerva», de 1320, «Feronis», de 600, «Liberia», de 5.669, «Marto», de 2.558.

O preço foi de 7,07 libras por tonelada, ou francos 247,45. O Lloyd Royal Belga adquiriu os 4 navios seguintes:

«Itauri», de 7.328 toneladas, «Erfurt», de 7.853, «Osvis», de 5.952, «Sidney», de 689.

O preço foi aproximadamente de 3 milhões de francos.

DE LONDRES

A evacuação da Cilicia

LONDRES, 17

O arcebispo Armenio de Smirna enviou um telegrama ao presidente Harding lamentando a evacuação da Cilicia pelos franceses e o abandono das povoações armenias nas mãos das autoridades militares kemalistas. O arcebispo solicita, em nome da humanidade e da civilização, a intervenção do presidente Harding para que sejam tomadas as medidas necessarias para se proteger eficazmente cento e cincoenta armenios da Cilicia.—(U. P.)

A politica conservadora

LONDRES, 17

O ministro da guerra, discursando num jantar oferecido pelo partido unionista, frisou a necessidade que havia da união estreita de todos os membros do partido conservador.—(R.)

DA SUIÇA

O numero das falencias aumenta de ano para ano

BERNE, 17

A gravidade da crise economica que atravessa a Suiça, revela-se no crescente numero de falencias. Em 1918 foram declaradas 266; em 1919, 343; em 1920, o numero alcançou 435, e nos 10 primeiros meses deste ano, o total provisorio já ascende a 538.

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Tele{fone C. 5430 / grafo DIFONSO} DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

A QUESTÃO DO DESARMAMENTO

OS PROBLEMAS do Pacifico e do Extremo Oriente

A expansão da industria e as novas conquistas do Japão

O regime aduaneiro entre os Estados-Unidos e o Japão pode resolver a complicada questão do Oriente

Na ocasião em que funciona a Conferencia do Desarmamento, é interessante conhecer, pelo menos nas linhas gerais, os problemas do Pacifico e do Extremo-Oriente que dominam o problema geral da limitação dos armamentos, pelo que traduzimos do *Excelsior* este artigo de Pierre Bruneau.

Sob o ponto de vista politico, tudo depende da ascensão extraordinariamente rapida do imperio do Japão, que começou exactamente quando os Estados Unidos terminaram a sua expansão no Pacifico. Depois de os americanos terem ocupado as ilhas do Hawai e de Guam, nas Marianas, de Tontonila, no Samoa, das Filipinas e da zona do Panamá em 1903 os japoneses, novos aliados da Inglaterra desde 1902, batiam no Extremo Oriente, duas potencias europeias: a Russia em 1914 a 1905; a Alemanha em 1914.

As vitorias sobre os russos asseguraram aos japoneses a posse da Corea, de Porto Artur, da Nandchuria até Kouy-Tcheu-Tsé e da parte sul da Sakhalina, que completava a da Formosa, realizada em 1895, contra a China. A tomada do porto de Kiao Tcheon aos alemães permitiu-lhes pôr pé em Chantoung. A revolução russa serviu-os permitindo-lhe, efectuar em 1918, o desembarque de tropas em Vladivostok e em Nikolarensk, e na parte norte da Sakhalina. O tratado de Versailles em 1919 alargava-lhes as fronteiras territoriais, dando-lhes o mandato sobre as ilhas alemãs do norte do Equador, as Carolinas com Yap, ponto de ligação de três cabos importantes; as Marianas e as Marshall.

Com estas novas possessões, o Japão tornou-se uma potencia do Pacifico, rodeando a ilha americana de Guam, não fortificada, guardando o caminho das Filipinas, sem bases navais, apoderando-se das comunicações pelos cabos, ficando proximo da das ilhas Gilbert e Ellice (inglesas), assim como dos Dominios da Australia e da Nova Zelandia; senhores da Papua, na nova Guiné, e dos arquipelagos Bismark e Salomão.

Avanço sobre a China e Siberia a oeste, extensão por leste, tais são os progressos do novo Japão. E se houve um entendimento entre ele e os Estados Unidos, a respeito da ilha de Yap, as questões de Chantoung e da Siberia ainda estão inteiramente de pé.

E' que o Japão encontra nestas regiões as materias primas necessarias á sua vida economica—de grande potencia industrial—que a guerra de 1914-1918 desenvolveu em proporções que vão desde o dôbro na extracção da hulha, até 50 vezes a sua anterior fabricação de aço.

Mas o carvão indigena, muito pobre, não dá coque e as ilhas são tão pobres em minas de ferro que o Japão, sob este ponto de vista, ficou dependente dos Estados Unidos. Para acabar com esta servidão economica, lançou-se sobre a China, a Siberia e a parte russa da Sakhalina, as quais lhe fornecem o coque em Chantoung, o ferro na costa do Pre-Amor, e o petroleo na Sakhalina. Desta forma, a industria japonesa encontra nas costas situadas defronfe das suas ilhas, as materias primas que lhe são hoje tão necessarias como outrora o arroz para a alimentação da sua população. Daí o introduzir-se na Mandchuria do norte e na fiscalização do caminho de ferro do Este chinês, onde estão interesses franceses e russos, não vai mais que um passo.

O dominio politico e economico defendem se no Pacifico e no Extremo Oriente, por meio de esquadras e bases navais. Os Estados-Unidos só aumentaram a esquadra, emquanto o Japão desenvolveu a esquadra e as bases navais. Hoje, a frota americana do Pacifico é superior á japonesa. A primeira é composta por 9 super-dreadgnouts, 1 dreadgnout, 4 cruzadores de batalha, 6 cruzadores ligeiros, 30 destroyers; a segunda por 6 super-dreadgnouts, 12 dreadgnouts, 291 destroyers. Mas, além do canal do Panamá, que bem cedo não será suficiente para os couraçados, a esquadra americana não dispõe como bases neste Oceano senão de Puget-Sound, Mare-Island, S. Pedro e S. Diego, e cinco grandes «doks» nas quais está compreendido o das ilhas do Hawai. Não parece que os Estados-Unidos possam estabelecer uma estação maritima na baía de Aroatcha, que os «soviets» lhe concederiam no Kamtchatka.

Pelo contrario, as ilhas e possessões japonesas oferecem-lhe bases em toda a parte: Huri, Okatuka, Ominato, nas costas de éste; Saseto, Maizurú, no litoral de oeste; Chinkaï na Coreia; Porto-Artur, em Liao Tomy; sem contar com Tssig-Tao e Vladivostok. E' o dominio completo nos mares da China e do Japão. Novas bases podem ser estabelecidas nas ilhas Bonin e Saipan, das Marianas.

Os programas de construções navais elevariam a esquadra americana, até 1924, a 12 superdreadnoughts, 4 cruzadores de batalha, e a esquadra japonesa a 16 unidades de linha, em 1928. Os Estados-Unidos consagram actualmente 10,5 0|0 das receitas, ás construções navais, e o Japão 32 0|0.

Assim, vê-se que em virtude do predominio das questões economicas, nos problemas mundiais, entre os Estados-Unidos e o Japão poderá chegar-se a um acordo a respeito da China, da Siberia, da Sakhalina e dos armamentos navais, se o imperio japonês puder dispôr com a *porta aberta* americana, e o consorcio financeiro internacional, da hulha, do ferro e do petrolio, indispensaveis á sua economia nacional.

ENCANAMENTOS PARA ÁGUA E GAZ
MOTORES, DINAMOS E VENTOINHAS
CANDIEIROS E LUSTRES PARA GAZ E ELECTRICIDADE
MATERIAL ELECTRICO E APARELHOS
PARA LABORATÓRIOS
LEITE & ALMEIDA
Escritório e depósito:
120, R. da Prata, 122
TELEFONE N.º 3195
Oficina: L. de Santa Marinha, 26
LISBOA

ELECTRICIDADE--MAQUINAS
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.

Adelino Padesca
(da Faculdade de Medicina e dos hospitais)
Consultorio:—Avenida da Liberdade, 138, Telefone 137-C.

EM BERLIM

o "comité" operario fala com o general Nollet

e pede-lhe para retirar a nota que impõe a destruição da "Deutsche Werke"

Um apelo para a solidariedade internacional?

BERLIM, 17

Os delegados do comité operario das «Deutsche Werke» tiveram uma entrevista com o general Nollet presidente da comissão inter-aliada, tendo-lhe solicitado que fosse retirada a nota da Entente ácerca da destruição das «Deutsche Werke». Os operarios dizem que estão em risco as vidas de algumas dezenas de milhares de familias de operarios e, se o seu pedido não fôr satisfeito, as Trade-Unions apelarão para a solidariedade internacional operaria.—(U. P.)

A Alemanha vai fazer pagamentos?

BERLIM, 17

O governo alemão, para fazer frente aos pagamentos que tem que fazer, entrou em negociações com a Inglaterra, com a França e com a Italia, para conseguir emprestimos sobre mercadorias, tendo a comissão de reparações trabalhado activamente para chegar a acordo sobre este assunto.—(U. P.)

Armamento escondido?

BERLIM, 17

Os proprietarios e os operarios das fabricas de Rockstveh em Dresde foram impedidos de entrar no edificio pela comissão inter-aliada, que tinha recebido denuncia de que ali se ocultavam armas e que desejava proceder a pesquisas.—(U. P.)

No distrito do Sarre

BERLIM, 17.

Devido á queda do marco cerca de 50 °|° nos territorios do distrito do Sarre foram comprados por estrangeiros, o que causou muito desgosto e apreensão nas classes medias alemãs.—(R.)

DE MELILLA

Abd-el-Krin e o nascimento de Hahomed

MELILLA, 17

Diz-se que Abd-el-Krin transportou para Anual os prisioneiros espanhois que estavam em Axdir para que assistam ás grandiosas festas e á concentração da Harka que se realizará para comemorar o nascimento de Hahomed.—(R.)

O fim da guerra?

MELILLA, 17

Assegura-se que reina um grande desalento entre os rebeldes que estão decididos na sua maioria a submeter-se condicionalmente. Desmente-se o boato que correu de que Abd-el-Krin se tinha refugiado na zona francesa.—(R.)

General Berenguer

MELILLA, 17

O general Berenguer teve uma larga conferencia com os generais Cavalcanti, Sanjurjo e Frederico Berenguer.—(R.)

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

INCI[illegible]DENTE LIQUIDADO

O caso da Exploração do Po[illegible]rto de Lisboa

Ma[illegible]is uma carta do sr. [illegible]Afonso de Macedo

Em resposta á carta que ante-ontem publicámos, de cinco ex-engenheiros da Exploração do Porto de Lis[illegible]boa, recebemos uma outra do sr. Afonso de M[illegible]acedo que, por dever de lialdade, damos á p[illegible]ublicidade:

Sr. Director — V[illegible]enho novamente, bem contra minha vontade, pedir-lhe a publicação desta carta, em resposta á que ontem foi p[illegible]ublicada no seu jornal assinada por cinco antigos engen[illegible]heiros do Porto de Lisboa,

Nessa carta, jul[illegible]go que por má fé, insiste-se no facto da minha pouca per[illegible]manencia nos serviços da Administração do Porto de Lis[illegible]boa, quando é certo que todos aqueles senhores sabem, que isso se deu durante a minha situação de deputado, e, como tal, estava por lei dispensado das minhas funçõ[illegible]es publicas.

Isto mesmo foi c[illegible]onfirmado por despacho da Direcção de 28 de fevereiro de 1920; mas, apesar disso, eu ia sempre ao Porto de Lisboa, demorando-me ali o tempo que podia, até ir para o Parlamento.

Varias vezes, re[illegible]conhecendo que eram necessarios os meus serviços, deixe[illegible]i de ir á Camara dos deputados e fiquei no Porto de Li[illegible]sboa desempenhando honestamente o meu logar. Assim sucedeu durante a greve, em dias bem agitados, merec[illegible]endo todos os esforços que empreguei para normalizar os serviços, os aplausos da Direcção.

Os cinco senhore[illegible]s engenheiros sabem muito bem tudo isto, mas teem c[illegible]erto prazer em se agarrarem ao livro do ponto como qualq[illegible]uer continuo de repartição.

Que lhes hei-de [illegible]fazer, se eles no fundo são bons rapazes e muito espiri[illegible]tuosos?! Nada.

O que me abor[illegible]rece, confesso, é este côro de carpideiras, que, todos os dias, pelos jornais, chega aos meus ouvidos; dando-me [illegible] impressão tristissima de uma canção religiosa em lou[illegible]vor das «cinco chagas de Cristo».

Depois, eles, que são excelentes pessoas, atiram-se a mim como S. Tiago [illegible]aos mouros. Umas vezes agarram-se ao «paradoxo», out[illegible]ras agarram-se ao «rasgadamente»; emfim agarram-se a tudo quanto lhes dá em «la gana». Pena foi que não s[illegible]e podessem ter agarrado com a mesma facilidade aos s[illegible]etecentos metros da pobre Doca de Alcantara, antes dela desabar.

Chego a dar raz[illegible]ão ao velho adagio «um burro carregado de livros é u[illegible]m doutor».

Agradecendo a p[illegible]ublicidade desta, sou de v., etc. — *Afonso de Macedo* — (Inspector dos Serviços da Exploração do Porto de Lisb[illegible]oa).

A CATAST[illegible]ROFE FERROVIARIA

Faleceu hoje a pequena Dinorah Vieira

Faleceu esta manhã, no hospital de S. José, a pequenita Dinorah Teixeira de Sousa Colares Vieira, victima da grande catastrofe do Sul e Sueste. O cadaver recolheu á casa mortuaria.

NA CONFERENCIA DE WASHINGTON

O desarmamento naval

O Japão deve conservar 12 navios de primeira linha?

TOKIO, 17. — A imprensa desta cidade faz comentarios muito favoraveis ao programa do desarmamento naval proposto pelo sr. Hughes. Diz que o Japão, se se chegar a acordo, fará economias consideraveis. No emtanto, devem estudar-se todos os detalhes do desarmamento naval e deve-se proceder com grande prudencia e reserva. Alguns jornais, entre eles o "Kokumin", orgão principal da oposição, insiste em que o Japão deve conservar, pelo menos, doze navios de primeira linha. — (U. P.).

O problema do Extremo Oriente não terá a importancia que se lhe atribuiu

NEW YORK, 17 — Parece que a questão do Extremo Oriente na Conferencia de Washington não terá a importancia que de principio se lhe tinha atribuido. O sr. Hoover esteve 3 anos na China e o seu conhecimento das questões relativas a este país formou-lhe a opinião de que ha muitos assuntos em que se pode estabelecer um acordo entre as nações que teem interesses naquele país, devendo-se reservar para o futuro aqueles problemas a que se não encontre solução actualmente. Por sugestão do sr. Briand será este realmente o metodo adoptado pela comissão das nove potencias de modo, que não haverá perigo de conflitos entre a America e o Japão no decorrer da conferencia. O Japão adoptou uma atitude conciliadora, estando disposto a fazer concessões na questão de Shantung, da Mongolia oriental e da Mandchuria. O governo americano, nas questões em que haja discrepancia, limitar-se-ha a expor e a manter as suas reservas. O Japão proporá a retirada das suas forças de Kiao-Tcheou e a China solicitará á Inglaterra que retire as suas forças de Woi-Hai-Voi. Adaptar-se-ha o principio de não fazer nem anexações nem protectorados, mas reconhecer os interesses especiais do Japão na Mandchuria e a penetração comercial e pacifica do Japão na Siberia. — (R.)

O caso da Cruzada Nun'Alvares

Os presos ainda não foram hoje enviados para juizo

Ainda continuam detidos nos calabouços do Governo Civil os individuos que ha dias foram presos na sede da Cruzada Nun'Alvares Pereira, acusados de estarem ali reunidos com fins conspiratorios.

Até á hora a que escrevemos ainda não foram enviados para juizo, como os jornais de hoje noticiaram e apesar de não haver provas para qualquer procedimento judicial contra eles.

Durante o dia têm sido muito visitados por numerosas pessoas de todas as classes sociais.

Os poveiros

Vem a caminho de Lisboa a grande comissão de defeza

POVOA DE VARZIM, 11.

Seguiram para Lisboa os delegados especiaes da grande comissão de defeza dos poveiros, que vae pedir ao governo a creação de cooperativas de bacalhau para a classe que tão alto soube erguer o nome português.

Oscar Monteiro Torres

Uma sessão de homenagem á memoria do valoroso aviador

Realiza-se no sabado, pelas 10 horas, na Escola Militar de Aviação (Granja do Marquês em Sintra), uma sessão de homenagem á memoria do valoroso capitão piloto aviador, Oscar Monteiro Torres, morto em combate aereo contra os alemães. Esta homenagem é promovida pela Direcção da Aeronautica Militar.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	55$000	58$000
¹Londres, cheque	5 1/8	5
» 90 d. v	5 1/4	—
Rio ¹Londres	7 11/16	—
¹Paris	$852	$873
¹Itália	$492	$504
¹Bélgica	$823	$844
¹Suiça	2$169	2$278
¹Espanha	1$621	1$662
¹Berlim	$045	$055
¹Holanda	4$118	4$221
¹Nova-York	11$720	12$015
Rio Brasil	$670	$660
T. Desc. Banco de Inglaterra	5	—
» » » Portugal	7	—
Agio do ouro	1$000	1$200

Os acontecimentos de 19 de outubro

O guarda-marinha Benjamim Pereira foi hoje interrogado durante cinco horas

O contra-almirante sr. Silveira Moreno, que foi encarregado de sindicar os acontecimentos ocorridos na tragica noite de 19 do mês findo ouviu hoje o guarda marinha sr. Benjamim Pereira. O depoimento deste oficial começou ás 11,30 e terminou ás 16,30.

A QUEDA DO GOVERNO?

Constava hoje na Arcada que o governo sofrerá uma larga modificação, dizendo-se até que será totalmente substituido, num dos dias da proxima semana.

EM ELVAS

Fuga de três prisioneiros e de duas sentinelas

ELVAS, 17

A noite passada evadiram-se do forte desta cidade três prisioneiros levando na sua companhia duas sentinelas.

O convenio luso-transvaliano

O sr. Freire de Andrade aceitará ou não o cargo para que foi convidado?

O sr. ministro das colonias vai convidar e insistir em seu nome, e no do alto comissario de Moçambique, o coronel sr. Freire de Andrade para aceitar a missão de tratar do convenio entre Moçambique e o Transvaal.

Canhoneira "Macau"

Partiu para Macau o seu comandante

Partiu hoje para Macau, onde vai assumir o comando da canhoneira «Macau», o 1.° tenente sr. Henrique Travassos Valdez.

A TARDE POLITICA

Os reconstituintes juntam-se aos liberais?

Preparando-se para o acto eleitoral

Elementos do partido reconstituinte, convencidos de que os partidos, isoladamente, por maior que seja a sua fôrça eleitoral, não podem, em boa verdade, trazer ás Camaras uma maioria bastante numerosa que lhes garanta uma vida ministerial absolutamente segura, não desistem de procurar um entendimento, ou antes uma fusão, com o partido liberal.

Esta fusão não seria de simples acôrdo eleitoral, mas sim para se manter para o futuro, passando os dois partidos para uma só organização com um titulo que se convencionará.

A boa vontade que a este respeito se nota entre os reconstituintes não tem encontrado, ao que nos dizem, igual acolhimento por parte dos liberais. Estes encontram-se reservados e pouco dispostos a dispensar aos outros a sua fôrça eleitoral. Com um só partido seria possivel essa aproximação, e esse seria o democratico, hoje impossivel pela resolução por este já tomada de disputar as maiorias em todos os circulos.

Esta sua atitude impede qualquer acôrdo ou aproximação

TEATRO DE S. CARLOS
Telef. C. 5063
Companhia dramatica
REY COLAÇO - ROBLES MONTEIRO
1.ª representação, nesta época, da peça de Carlos Selvagem
ENTRE GIESTAS
4 unicas representações 4
BREVEMENTE
O REGRESSO
Reaparição da talentosa actriz Angela Pinto

POLITEAMA
Telef. C. 1028 Empreza LUIZ PEREIRA
Companhia LUCILIA SIMÕES sob a direcção de LUCINDA SIMÕES
HOJE — A's 21,15 — 3.ª recita de assinatura
1.ª representação da peça em 4 actos de OSCAR WILDE, tradução de Alice Lawrence
Uma mulher sem importancia
Reaparição da actriz
LUCILIA SIMÕES
Enscenação de Lucinda Simões — Scenarios novos de Campos & Oliveira e Calderon
Orquestra Sinfonica de Lisboa
Domingo, 20 — 2.° concerto de assinatura, sob a regencia do MAESTRO FERNANDES FÃO.

MEIAS A 2490!!
EM
Sedaline todas as côres
CASA DAS MEIAS DA
RUA DO OURO, 117

SCWALBACH
— no —
TEATRO APOLO
O espectaculo desta noite vae ter fóros de uma
verdadeira "première"
A linda e aplaudida revista
Gato por Lebre
foi completamente refundida e ampliada pelo autor
HOJE — ESTREIA — do quadro novo
COZINHA Á PORTUGUESA
Mais 6 numeros novos
UMA NOVA APOTEOSE NO 1.° ACTO
HOJE — ao Apolo — HOJE

Eden Teatro
Empresa Henrique Barreiros, Limitada
Companhia Nascimento Fernandes
2 Sessões — ás 8,30 e 10,30
A unica revista de absoluto sucesso
A que tem mais numeros repetidos
PAU DE DOIS BICOS
HOJE — 3.° dia de distribuição das senhas para o
Fato de graça

TEATRO SALÃO FOZ
Empreza Artur Emauz
Companhia OTELO DE CARVALHO
de que fazem parte Antonio Gomes (da Trindade), Laura Costa e Julia d'Assunção
HOJE — INAUGURAÇÃO
— das —
Recitas da Moda
A mais graciosa das revistas
BICHINHA GATA...
A mais delicada A mais espirituosa
Com critica inofensiva
Com aparato e deslumbramento
A unica que a todos agrada